

2093

LEI Nº 2023, DE 12 DE AGOSTO DE 1959

O NOME DE MONTE LIBANO A UMA RUA DA CIDADE  
A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO  
MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Monte Libano a Rua R do  
Jardim Chapadão e que tem início e término na Av. João Erbolato.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua pu-  
blicação, revogadas as disposições em contrário.

Faço Municipal de Campinas, aos 12 de agosto de 1959.

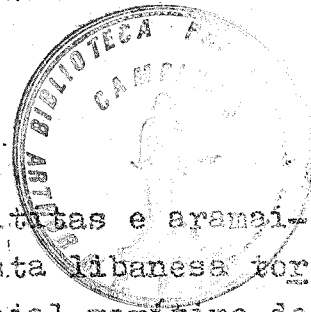
José Nicolau Lúggers Maselli — Prefeito Municipal

Engo. José Benedito de Mello - Secret. de Obras e Servs. Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura  
Municipal, em 12 de agosto de 1959.

Alvaro Ferreira da Costa — Diretor

(132)



## LÍBANO

Historia : nos tempos antigos, reinos hititas e aramaios ocuparam o atual território do Líbano. A costa libanesa tornou-se, depois, a base do grande imperial comercial-marítimo dos fenícios, mas suas cidades não tardaram a ser subjugadas pelos assírios, persas e gregos. Junto com a vizinha Síria, o Líbano caiu mais tarde sob o domínio romano, tornando-se depois parte do Império Bizantino. Cristãos maronitas estabeleceram-se na área, e mesmo depois da expansão muçulmana que absorveu o país no século VII, o Líbano continuou a ser predominantemente cristão.

## Datas:

1841 - 64: o massacre de cristãos maronitas pelos drusos muçulmanos faz com que os governos europeus forcem os sultões otomanos a concordarem com um governo pró-cristão para a região e a estabelecerem a província autônoma do Monte Líbano.

(Extraído de fls. 269, da parte "Nações do Mundo", do "Almanaque Abril para 1982", editado pela Editora Abril Ltda., São Paulo,)

# Libano: renascimento e seu dia nacional

Sem religião, sem credo, sem símbolo também, este é o abrigo de Ogum, a Estrela de David, a Cruz de Cristo ou a Bíblia de Kardec, o protesto de Lutero, até a sabedoria do Alcorão, o porto livre de todas as religiões. Nesta coluna não há cheiro de santidade nem odor de inferno e, se algo reflete a imagem apolítica e construtiva deste jornal — *Relações Exteriores* — segue a fio este salutar princípio de jornalismo consciencioso. Este colunista, porém, de vez em quando, retratando os fatos da história de um país, voluntariamente se mescla aos seus relatos e dá poesia ao seu escrito, embora, nunca fugindo da veracidade do seu feito.

Quando, recentemente, o Brasil celebrava seu 7 de Setembro, o jornal libanês *Al-Hadiss* proclamou em manchete: "A festa do Brasil é a festa do Libano". Podemos dizer, da mesma forma, que o 22 de Novembro — dia em que o Libano readquiriu sua plena independência em 1943 — é também uma festa brasileira.

É verdade que as ruínas e as mortes amontoadas em cinco anos de guerra e as ameaças que continuam a pairar sobre aquele país parecem estar em contradição com qualquer desejo de festejar. Mas o Libano é justamente o Libano porque nunca desanimou e nunca se rende. Quem lhe contemplar a trajetória histórica de quatro mil anos, marcada por tantas agressões, seguidas de tantos renascimentos, compreenderá a confiança ativa daquele povo de superar esta nova provação por mais longa que seja. "Estadual o passado se quiserdes adivinhar o futuro", aconselhava Confúcio.

E o passado já está no presente. Fica como símbolo a atitude daqueles que, ao retirarem seus depósitos dos bancos que fechavam, no auge da guerra, em vez de remetê-los ao exterior para proteção, compravam imóveis no país invadido.

Quando se contemplam as construções modernas e dispendiosas que se multiplicam naquelas costas e montanhas ameaçadas, não se pode deixar de admirar esse povo libanês, laborioso, inteligente e, sobretudo, sólido, irreduzível, indestrutível, o mesmo hoje do que há 23 séculos, quando Alexandre encontrou só Tiro para lhe resistir em toda a orla mediterrânea.

O destino foi sempre duro para com o Libano. Posto na encruzilhada mais movimentada entre Oriente e Ocidente, foi algo de todos os conquistadores que por lá passaram no afã de ampliar seus impérios: desde os egípcios do século XVII, antes de Cristo até os

Aquela posição perigosa, tinha, contudo, suas vantagens: e o destino, para compensar, deu ao libanês a alma indomável e os dotes que os capacitavam para tirar o máximo destas vantagens. O Libano tornou-se, sobretudo, neste século, mais do que uma simples entidade nacional. Tornou-se um símbolo e um modelo. O único país do mundo, metade cristão, metade muçulmano, onde o islã e o cristianismo, a civilização ocidental e a civilização oriental encontram-se e dialogam em pé de igualdade. Um país pobre em recursos naturais e, contudo, cada vez mais próspero porque é avesso aos controles governamentais e dedicado ao princípio que o homem livre é o maior criador de riquezas para si e para os outros. (Antes da guerra, o Libano, que não fabrica carro algum, tinha mais carros por mil habitantes do que grandes fabricantes de carros como a Itália, o Japão, a Rússia). Um povo que nunca deixou de ser hospitaleiro, aberto, liberal, apesar de tudo o que sofreu por parte dos invasores. Um povo capaz de produzir ao mesmo tempo os banqueiros de Beirute e um Gibran Khalil Gibran.

Há no Brasil entre três e quatro milhões de descendentes de libaneses. Para os que dentre eles se lembram, e para os que pensam ter esquecido, este dia nacional do Libano é também o seu dia. O dia em que cada um deve lembrar-se com respeito de seu pai ou avô ou trisavô — daquele que veio para o Brasil na terceira classe de qualquer navio disponível, foi mascate, foi parcimonioso para consigo mesmo, mas gastava sem contar para enviar os filhos às melhores universidades e fazer deles seus sonhos realizados.

...Ensinou-lhes a amar este país, a serem gratos para com ele. Não houve um só caso de deslealdade para com o Brasil já na longa história da imigração libanesa. E o brasileiro retribuiu generosamente os sentimentos dos libaneses. Por isso, o 7 de Setembro é um dia nacional para o Libano, e o 22 de Novembro é um dia nacional para o Brasil.

É como esquecer nesta data a mãe libanesa, aquela que aceitou fazer de seu coração a pedra angular dos primórdios dessa epopéia de imigração? As primeiras partidas de imigrantes nas últimas décadas do século passado abalavam a vida como uma tragédia, um povo em que o amor à terra e a família é sagrado como um culto e venerado como um Deus. No fim do dia, o jovem camponês, incapaz de dominar por mais tempo o apelo ancestral das longas viagens, voltava para casa e anunciava à mãe sua intenção de partir. "Dizem que, além do mar, há

interior assegura-me que a fortuna me espera lá. Deixa-me partir. Voltarei rico. E nada mais nos faltará". A mãe passava a noite sem dormir, dividida entre sua felicidade e a do filho. E, naturalmente, a felicidade do filho prevalecia sempre.

E ele partia.

As vezes, voltava. Muitas vezes, o sucesso ou o málogro ou outra mulher o retinham na sua nova pátria. E um dia, após uma longa espera, a mãe fechava os olhos sobre o mundo sem ter revisto o filho. Quando a imigração libanesa quiser prestar homenagem a quem mais deve, erigirá um monumento a essa mãe libanesa, heroína, santa.

...Se os mortos pudessem ver os vivos e podem... Com que júbilo aqueles pioneiros veriam (e vêem) seus descendentes ministros de Estado, governadores, banqueiros, industriais advogados, professores, acadêmicos, dirigentes de empresa, deputados, senadores, brigadeiros, almirantes, generais, escritores, juizes e tudo o mais.

E se os vivos pudessem ouvir os mortos e podem... Mas, não os ouviriam (nem os ouvem) lembrar-lhes que devem gratidão também à terra onde têm suas raízes e que formou, através de gerações inúmeras, a mente que lhes permitiu tamanho e tão rápidos sucessos?

Há monumentos insubstituíveis nesta terra. A cultura francesa é um deles. A Suíça é um deles. O Vaticano é um deles. Jerusalém é um deles. Meca é um deles. O Rio de Janeiro é um deles.

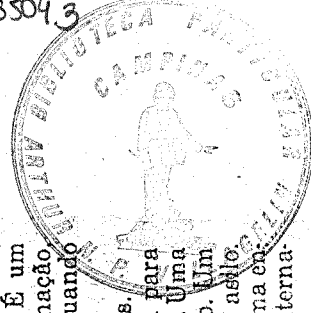
O Libano é um deles. É um monumento à capacidade das raças e das religiões de convivirem em harmonia apesar de suas divergências e de retomarem a marcha cada vez que a fraqueza ou a maldade humana a interrompem. É um monumento ao que a inteligência, trabalhando em liberdade, pode traduzir para o bem-estar do homem. É um monumento à coragem que transforma uma nação por menor que seja, numa força invencível quando decide arriscar tudo para permanecer livre.

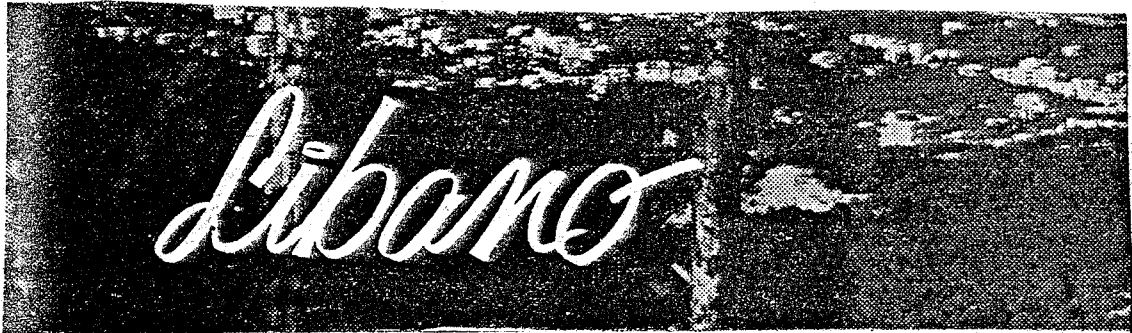
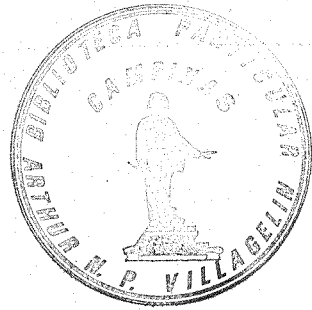
O Libano está renascendo apesar das ruínas. Breve deixará de ser um campo de batalha para voltar a ser o que sempre foi: um berço e um lar. Uma mesa sempre posta para o hóspede inesperado. Um refúgio que nunca diz não a quem lhe pede asilo. Oriente e Ocidente em osmose, ponte, plataforma entre os continentes, metrópole dos encontros internacionais.

Um país tão antigo quanto a história e sempre jovem e cheio de vitalidade.

Enfim, renascendo... apesar das ruínas.

4NYV I 85043





A Capital libanesa, vista da montanha, oferece este bonito panorama

# Terra de sínteses e de contrastes

Texto de  
MATTOS PACHECO

BEYROUTH, via "Air France" — Para este reporter não é fácil escrever sobre o Libano. Por que não é fácil escrever sobre as coisas, e os lugares que a gente ama. Há sempre a tendência natural para o exagero... talvez só perdurem as boas recordações. Mas a minha intenção é escrever sem paixão. Não será o amor por esta terra, não será o carinho de seus filhos, daqui e do além-mar, a acolhida com o coração e os braços abertos, que fará com que estas linhas sejam somente de admiração e até de deslumbramento sobre tudo que vi, observei e senti, nestes meses em que vivi sob este céu sempre limpo, nesta terra de fartura e de civilização, doce terra privilegiada, encravada entre desertos, cercada de um ambiente inóspito e pobre, na fronteira da miséria, vizinha da discordia, mas protegida por um Deus generoso que fez da "Terra do Leite e do Mel" um cenário de Terra da Promissão, onde a Bíblia localizou o Paraíso terrestre. O Libano não faz parte da paisagem triste das terras que o circundam e do deserto. É o céu azul, sereno. O mar tranquilo, quase sempre como um imenso lago. São as montanhas altas que avançam para o mar e sobem até perto do céu, com os cumes coroados de neve eternas, enfeitando os cedros. É o panorama deslumbrante de Djauniye, o monte Hermon, o vale fértil do Bega, produzindo doces frutos. A natureza foi pródiga na paisagem, no clima. E para completar, povoou o Libano com a gente mais amiga e hospitaleira do mundo. Cada conhecido é logo um irmão.

Libano, país de síntese e de contrastes, já afirmou alguém. Não saberia descrever melhor do que o escritor que disse que é um país de lendas, de magias e de verdades. Terra de Adonis e de Cristo, de baccantes e da Virgem, "carrefour" de culturas e de civilizações, de comércio e de poesia, de conquistadores e pacifistas. Síntese de ordem e de liberdade de vértices e de planícies de frio e de calor, de doutrinas e de mitos de mosteiros e de minaretes, de realidades e de sonhos. Oriente e Ocidente. Presente do céu a um grande povo.

## UM POUCO DE GEOGRAFIA

O reporter não tem a pretensão de trazer, numa série de escritos, senão um pouco do Libano, contando alguma coisa da terra e do homem. Dar

uma noção, mesmo superficial, de uma Patria e sua gente, torna-se necessário recordar ou ensinar mesmo, algo da terra, do meio, do ambiente, da civilização, da cultura de um país milenar, cheio de tradição e de história.

É um pequeno país: Dos menores do mundo. São apenas dez mil quilômetros quadrados, com uma densidade demográfica que é das maiores da Asia. Mais de cento e trinta pessoas por quilometro quadrado. Isolado do continente por montanhas que durante seculos foram de difícil acesso, ficou protegido do deserto da Siria e dos beduinos nômades do deserto. Guardou sua personalidade, suas características, sua civilização. Seu povo é diferente dos demais povos árabes, uma verdadeira elite, um caldeamento de muitos povos e muitas civilizações milenares. Um bastião do cristianismo entre maquimanos e judeus. Pela sua posição geográfica, primeiro ponto de contacto entre o Ocidente e o Oriente.

Plantados meira-mar, sem poder expandir ou conquistar territórios no continente, os libaneses tiveram que descobrir outros mundos, tiveram que construir um outro Libano, no exterior, emigrando principalmente para a America, ajudando a fazer a grandeza do Brasil, dos Estados Unidos, da Argentina, do México. Herdaram de seus avós fenícios a tradição milenar de grandes comerciantes. É o papel importante de entreposto entre dois mundos e duas civilizações. O Libano é a porta do Oriente para o mundo ocidental e também a porta do Ocidente para o mundo árabe.

## MEIO FISICO

Para dar uma ideia da forma geográfica, física do país, digamos que o Libano tem a forma de um retângulo irregular, mais alto que largo. Lembra o mapa de Portugal. Tem uma fronteira marítima de duzentos e cinquenta quilômetros, banhada pelo Mediterraneo oriental, situado no centro do golfo que vai do Egito até a Turquia. Sua maior fronteira terrestre é com a antiga Siria, hoje transformada em provincia da E.A.U. (Republica Arabe Unida), tendo também limites com a Jordania e Israel.

São fronteiras naturais, rios

os contrafortes da cadeia de montanhas que isolou o Libano do outro mundo árabe.

O relevo do país é bem simples. Bem junto ao mar, paralelo a ele, uma primeira cadeia de montanhas, o Monte Libano. Paralela a ela, outra cadeia de montanhas o Anti-Libano, com o Monte Hermon, uma cordilheira mais alta que a primeira. No centro, a planície fértil do Bequa, numa altura media de novecentos metros. Algumas praias e quase sempre as montanhas chegando bem proximo ao mar, invadindo o oceano, ou quando muito, distante dele cerca de dois quilômetros.

## CLIMA

Tem um clima ideal. Clima mediterrâneo, com invernos chuvosos e verões secos, sem precipitações. Os ventos, o mar, as montanhas dão uma grande diversidade de temperaturas entre as regiões do país. No litoral, o verão é tropical, úmido, pela proximidade do mar. Mas nas montanhas a temperatura é sempre fria. Na região mais alta do país há geleiras eternas. Na planície central, o clima é ameno, com dias ensolarados e luminosos, noites frescas e até bem frias.

O Libano é um país privilegiado também com o clima. No mesmo dia que em Beyrouth e em todo o litoral calor e o mar convidam à vida praiana e dos banhos; no mesmo dia, bem perto, nas montanhas, podemos fazer "sky". Os banhos de mar e a patinação sobre o gelo praticamente podem ser feitos durante todo o ano. Sempre é verão ao nível do mar, sempre é inverno ao alto das montanhas. Saindo do calor mais úmido e tropical podemos encontrar o inverno depois de duas horas de caminhada, subindo as montanhas que chegam à altura de três mil metros.

## HIDROGRAFIA

País pequeno, banhado pelo mar, contido entre duas cordilheiras, o Libano não possui grandes rios, mas tem muita agua, irrigando o seu solo, todo cortado por pequenos córregos. O rio nacional, que nasce



morre dentro do Líbano, é o Litani, com um curso de cento e quarenta quilômetros. O Jordão, rio sagrado, onde Jesus Cristo foi batizado, nasce no Líbano. Pequenos rios nascem nas montanhas e procuram o mar; Nahr el Kebir, Nahr Abou Ali (Qualicha), Nahr Ibrahim, Nahr el Keib, Nahr Beyrouth, Nahr el Kwali...

### O HOMEM

O homem libanês é o produto do caldeamento de muitas raças. Ele não é o arabe puro, difere dos beduínos do deserto. Cientistas afirmam que a Humanidade nasceu neste cenário. Os primeiros habitantes da região foram os caldeus, os fenícios. Vieram depois as invasões dos aramaicos, dos assírios, dos egípcios, dos hebreus, finalmente dos arabes, que dominaram e formam até hoje o maior grupo. A grande invasão arabe deu origem ao tipo mais típico do libanês, que é o levantino. Os arabes puros, os beduínos, os nômades do deserto, pouco penetraram no Líbano, isolado do mundo oriental pela barreira natural das montanhas. Recentemente tem sido grande a penetração de armenios, transportados da Turquia, depois da primeira Gran-

de Guerra. Há historiadores que salientam também a influência da mestiçagem com os europeus, principalmente no tempo dos Cruzados. Hoje em dia, principalmente em Beyrouth, vive uma grande colônia europeia.

Um autor, Farjallah Haik, distingue dois tipos de libaneses, o mais caracteristicamente arabe, de tez morena, cabelos negros, olhos misteriosos. E o tipo loiro, que encontramos em algumas montanhas do norte, seria descendente dos Cruzados, que durante seculos habitaram o Líbano, por ocasião das guerras santas para a conquista da Jerusalem e da Terra Santa.

### A LINGUA

A lingua arabe é a lingua nacional. Mas o arabe falado no Líbano é um arabe diferente do arabe literario ou do arabe falado no Iraque ou no Egito. A permanente e secular convivencia com os europeus influenciou a formação de uma lingua arabe propria, exclusiva do Líbano.

Além do arabe, praticamente quase todos os libaneses, principalmente os catolicos, falam outras linguas. Antes da grande guerra (segunda), 70 por cento do pais falava francês. Hoje é o inglês que ganha terreno.

Cinquenta por cento dos libaneses falam francês, cinquenta por cento falam inglês.

### RELIGIÕES

No Oriente, o Líbano é a maior nação catolica, religião adotada pela metade da população. Mas o catolicismo é dividido em varias seitas ou ritos. A maioria catolica é maronita, seita fundada pelo Santo Nacional, São Maron, que obedece e respeita ao Santo Padre, como chefe da Igreja. Vem depois os gregos-catolicos ou melquitas, também fiéis à Igreja Romana. São numerosos os gregos-ortodoxos, além dos fiéis do rito sírio, ortodoxos destinados da Igreja Grega, jacobistas. Os armenios emigrados para o Líbano conservam seus ritos proprios.

Também os adeptos do Islam estão divididos em três grandes grupos: sunitas, ortodoxos muçulmanos chitas ou metoualis, cismaticos e druzos.

### POPULAÇÃO

A falta de um recenseamento recente não permite dados exatos. A população do Líbano está entre um milhão e meio e dois milhões. A cidade mais populosa é a Capital, Beyrouth, com mais de um terço da população do pais. Outras cidades em ordem decrescente, são Tripoli, Saída, Zahlé (a cidade unica na Asia Menor onde o numero de catolicos supera o de muçulmanos, com uma pequena vantagem que não vai além de dez ou quinze por cento), Tyr ou Sour e Baalbeck.

### POLITICA & ADMINISTRAÇÃO

O Líbano viveu quase sempre sob dominio estrangeiro, durante milênios não conheceu a liberdade. A sua historia é a historia das invasões dos babilônios, dos assírios, dos egípcios, dos gregos, dos romanos, dos arabes, dos cruzados, novamente dos arabes, dos turcos, já na historia moderna Napoleão está incluído entre os invasores do Líbano. Depois da primeira guerra, ficou sob a proteção francesa e, na ultima conflagração, também conheceu os libertadores ingleses.

Como Republica, existe desde o dia 23 de maio de 1926, sob proteção francesa até muito recentemente. Hoje é um pais livre. Politica e administrativamente está dividido em "mohafazats", departamentos ou provincias, cuja sedes são Beyrouth, Capital do pais Libano-Norte cuja sede é Tripoli; Libano-Sul, cuja sede é Zahlé.

Todos os "mohafazats" estão representados numa unica Camara de Deputados, que elege o presidente da Republica. Pela Constituição, sempre o presidente da Republica é escolhido entre os catolicos maronitas. O presidente do Conselho de Ministros é sempre um muçulmano sunita. O presidente da Camara, um muçulmano chita.

Na Camara, as cadeiras não são distribuidas por partidos politicos, mas sim por religioes, cinquenta por cento para catolicos e cinquenta por cento para muçulmanos. As varias seitas também estão representadas proporcionalmente, com vantagens para os maronitas, no grupo catolico e sunitas, entre os muçulmanos.

### PACTO NACIONAL

Mais importante que a propria Constituição, o Pacto Nacional é a base da estabilidade politica e da propria independencia do pais. Catolicos e muçulmanos, num pacto de honra, decidiram que sempre respeitarão a divisao politica da Camara na base de cinquenta por cento. Os catolicos jamais procurarão auxilio exterior para dominar o pais, o mesmo acontecendo com os muçulmanos. O Líbano é favoravel à criação de uma grande nação arabe, unida, mas tanto os muçulmanos como os catolicos concordam que o Líbano não deve pertencer a tal comunidade, permanecendo independente.

*"O Líbano, aos olhos meus, é a tabua da perenidade.*

*A simples menção de seu nome é cantiga e doçura.*

*E' o nome que faz palpitár meu coração e umidecer meus olhos.*

*Quando eu morrer, envolvam meu corpo com ramos de seus*

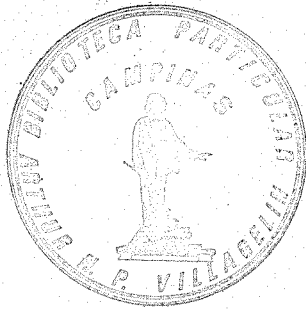
*[cedros,*

*e enterrem meu corpo onde quiserem, contanto que sobre minha*

*[tumba escrevam LIBANO".*

(Tradução livre de um poema de RASHID NAKHLI)

(Recorte do jornal "Diário da Noite", de São Paulo, 2a. feira, 24-outubro-1960)



("EVOCACÕES" - DO "DIÁRIO DE SÃO PAULO" DE 18-MAIO-1969)

## Aqui era Fenícia... hoje se chama Libano

Carmen Prudente

Voamos para o Libano com um céu de azul vivíssimo. Do alto, avistei a entrada do Nilo no Mediterrâneo e chamei o Felicitíssimo de Oliveira, dono da "Delta", no Brasil, para conhecer o "delta" mais famoso da geografia.

A chegada a Beirute foi a mais acolhedora possível. Todos amáveis e alegres, no aeroporto e no hotel, falavam sobre os parentes que têm no Brasil. Demos o clássico passeio pela cidade, admirando o progresso. Tendo apenas seiscentos mil habitantes, Beirute é uma metrópole.

Subimos ao monumento de Nossa Senhora do Libano, em Harissa. O teleferico nos levou aos pés da estatua branca da Virgem Maria, coroada de estrelas e abençoando a simpática nação libanesa. Em torno de nós, o dorso alvíssimo da cadeia Djebel Lebanon e, à frente, o azulíssimo Mediterrâneo. Fomos a Tripoli e paramos nos remanescentes de Byblos. Tão rica e potente quatro mil anos antes de Cristo, talvez seja a cidade mais antiga do mundo. Pelo menos foi lá que nasceu o nosso alfabeto e a palavra que deu o nome à "Bíblia" e ao livro, em geral! Hoje é uma pequena aldeia, chamada Jebail, onde foram encontrados restos de oito civilizações sucessivas, entre elas a pré-histórica, a fenícia, a grega, a romana e a medieval, algumas três mil anos antes de Cristo. "Os profetas do Antigo Testamento tinham lançado maldições sobre a cidade corrupta. E é na própria enunciação das suas riquezas que se ficou sabendo da extraordinária opulência desta região" — informou o guia. Restos de um porto submerso podem ser vistos da torre do castelo — Forte dos Cruzados — tal a transparência das águas, atestando que esse foi o lugar de partida do primeiro barco que saiu à conquista do mercado universal! Depois de visitarmos a Fortaleza, ouvimos o guia descrever o significado dos remanescentes da muralha de quinze metros de largura e das fundações de casas e ruas. Disse ser "a primeira construção de pedra no mundo" (seis a sete mil anos). Assistimos o belíssimo crepúsculo sobre o Mediterrâneo, do encantador Teatro Romano, ao ar livre, e do mesmo lugar ocupado pelo Cesar, quando por lá dava um ar de sua graça!

Passamos por Sidon, onde ainda se vê o castelo que os Cruzados aí construíram em 1230 — "Chateau de la Mer". Aí viveu São Luiz, rei da França. Tiro também é o lugar mais distante da Terra Santa, até onde foi Jesus. Aí começava a "estrada da purpura", que ia ao Egito, levando a anilina preciosa, usada na tintura dos tecidos que vestiam os reis, produto de dois moluscos marinhos. Conforme li, as suas glandulas segregam pouquíssimas gotas. Daí a necessidade de apanha-los em quantidades enormes, o que tornava o produto caríssimo, destinado a um punhado de privilegiados.

"E por que a purpura tinha esse valor?" — perguntou a Mariazinha Igartua. "Porque essa cor não desbotava e era símbolo do luxo e do poder. Acabou sendo monopólio dos romanos. Sabem que as velas das galeras de Cleopatra também eram de purpura? Era o "maximo!" eu disse, rindo. "Ainda se vêem pelas praias montes de conchas vazias, de uns quarenta metros de altura..." Também foi dessas águas que partiram barcas com a famosa madeira de cedro, durante séculos, para todos os portos do Mediterrâneo e além, conforme atestam sinais da passagem dos fenícios por vários países do mundo. Ora, pois

eles andaram pelo nosso Rio de Janeiro muito antes de Cabral! Toda a paisagem libanesa, acidentada, das margens do Mediterrâneo aos cumes nevados do monte Libano e do monte Hemon, é um prazer para os olhos. Cá e lá castelos francos equilibram-se nas alturas. O mais belo de todos os palácios é Beit-Edin, do século XVIII, a pique sobre o precipício. É luxuosíssimo, do mais apurado gosto oriental, com arcadas e pátios, fontes e chafarizes. E, também, a residência de verão do presidente do Libano. No Libano faz muito calor mas o país goza de uma brisa que alivia sensivelmente a temperatura. "Qual é a explicação para a longevidade desses cedros?" — perguntei ao guia ao chegarmos ao cimo da montanha, onde há os últimos remanescentes das árvores famosas, umas quatrocentas.

"Pois é muito resistente, mas a razão principal parece estar no fato de ter um gosto amargo que repêlle os insetos ou, antes, os inimigos". "Há quantos anos estes estão aqui? É possível saber?" — perguntou Guiomar Franco, de Mogi das Cruzes. "Há muitos milênios!" — exclamou, orgulhoso. "Foi daqui que partiram as árvores que Salomão presenteou à rainha de Sabá". Ao voltarmos para Beirut, eu vinha atenta, buscando avistar, pelo menos, o túmulo do grande poeta Gebran Khalil Gebran, em Becharra, a pequena distância de Tripoli; passamos porém, com pressa para cumprir o programa do guia. Tornamos a ver Afger uma das mais belas regiões da Europa entre penhascos, desfiladeiros e vales, de onde se tem lances de vista sobre o Mediterrâneo. Lá corre o rio Adonis, que se projeta fora de uma gruta junto a imenso precipício. Diz a lenda que a água avermelhada é por causa do sangue jorrado do belo Adonis quando, surpreendido por Júpiter em coloquio com Venus, foi atingido por uma flecha... Lendas, lendas, e lá estão as ruínas de um templo dedicado a Venus, em memória do acontecimento. E logo depois o rio do Cão, que também surge de uma gruta, junto a um "canyon" profundo.

"Olhem, olhem!" — eu avisava os amigos do grupo — "não percam essa aula de história em pedra! Creio que é o único lugar no mundo onde ficou registrado, ao "ar livre" a passagem de todos os invasores, incluindo Ramsés II. Há dezenove inscrições, em linguas diferentes, referentes aos cruzados, a Napoleão, aos franceses de eras mais recentes e a tantos outros". "E mais, ainda" — acrescentou o guia, satisfeito com a colaboração insospitada! Apontou para uma lage assinalando a retirada das tropas estrangeiras do solo libanês, em 31 de dezembro de 1946. "Mas há coisa muito mais velha! Nessas grutas, por aí, encontraram restos da Idade da Pedra!" Antes de atingirmos Beirut entramos por um desvio para visitar a gruta de Djeita. Descemos do ônibus e andamos por um caminho pedregoso até à entrada subterrânea que nos fez penetrar por um mundo fantástico! Sabiamente iluminada, a gruta nos oferecia um panorama impressionante de cúpulas, colunas, estalactites, estalagmites cintilantes, que se refletiam nas águas escuras e paradas, singradas por barcas chatas e silenciosas. Uma beleza! Antes de encerrar o belo passeio, o guia apontou para um dos muitos minaretes que se erguem entre o casario da cidade: "Foi lá, diz a lenda, que São Jorge, o nosso padroeiro, matou o dragão!" E entramos em Beirut ou, melhor, em